

# MERLEAU-PONTY E A TAREFA DE UMA RAISON ÉLARGIE

## MERLEAU-PONTY AND THE TASK OF A ENLARGED REASON<sup>1</sup>

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva

1. Professor dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Filosofia da UNIOESTE – Campus Toledo com Estágio Pós-Doutoral subsidiado pela CAPES, na Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, entre 2011/2012. Escreveu “A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty” (Nova Harmonia, 2009) e “A natureza primordial: Merleau-Ponty e o ‘logos do mundo estético’” (Edunioeste, 2010) e organizou *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois*. Cascavel (PR): Edunioeste, 2013. Endereço para contato: Rua da Faculdade, 645 – CEP: 85903.000 – Toledo (PR). Fone: (45) 3379 7127. E-mail: cafsilva@uol.com.br.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

### RESUMO

Ao trazer à memória a figura de Merleau-Ponty (1908-1961), 50 anos após a sua morte, esse ensaio pretende tão somente retratar, em linhas gerais, o sentido e o alcance de seu legado. Buscando circunscrever alguns temas capitais numa articulação que se inicia entre a filosofia com a ciência, passando pela antropologia, pela literatura e pela obra de arte até culminar na política, um pano de fundo recobre cada um desses agenciamentos: o horizonte de uma razão alargada (*raison élargie*).

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty. Filosofia. Ciência. Arte. Política.

Recebido em: 21/03/2011

Aceito em: 11/08/2011

## ABSTRACT

By bringing to remembrance the figure of Merleau-Ponty (1908-1961), 50 years after his death, this essay aims solely portraying in general terms, the meaning and scope of his legacy. Seeking to circumscribe some capital themes in a joint which starts between philosophy and science, through anthropology, literature and the work of art culminating in politics, a background recovers each of these agencements: the horizon of enlarged reason (*raison élargie*).

**Keywords:** Merleau-Ponty. Philosophy. Science. Art. Politics.

### 1.

À noite do dia três de maio de 1961, falecia em Paris, Maurice Merleau-Ponty. Trata-se de um autor que deixa, na mesa de trabalho, o gesto de um movimento de pensamento que projetara, no curso do debate contemporâneo, uma de suas mais notáveis conquistas: a convicção de que teoria e prática, ciência e filosofia se solicitam mutuamente, sem qualquer sobreposição hierárquica. A partir de então, um novo núcleo cooperativo e não mais dicotômico entre os diferentes níveis do saber se institui na atmosfera da cultura atual de modo que a filosofia e a literatura, a física e a história se filiam numa motivação mais dialógica. Foucault que frequentara, com admirável entusiasmo, aos cursos de Merleau-Ponty<sup>2</sup>, dá vazão a esse caráter multifacetado que a razão contemporânea põe como primeira ordem do dia. Ao conjugar desde questões trazidas pela biologia e pela história sem deixar, é claro, de explorar temas caros à própria prática clínica (sobretudo no âmbito da psiquiatria), Foucault reaviva um importante legado merleau-pontyano que seria também perseguido por toda uma geração de pensadores de sua época como Edgar Morin, Deleuze, Derrida, entre outros. O peso de toda essa influência pode ser medido por uma intenção que Merleau-Ponty põe em curso, com intrépido vigor: o de que o conhecimento deve ser ampliado para além de suas fronteiras disciplinares num terreno em que tanto o metafísico quanto o cientista, sejam inteligíveis, sem reducionismo ou imposição metódica.

Para que essa abertura transcendentista a qualquer marco metodológico rigidamente arbitrário faz-se necessário um desprendi-

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma razão élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

2 “Ele exercia sobre nós uma fascinação” (FOUCAULT, 2002, p. 5).

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

mento mútuo tanto do filósofo quanto do cientista. O primeiro cabe “reaprender a ver o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. xvi), a partir de um gesto genuinamente originário da práxis filosófica, aquela que, desde os tempos gregos se orienta pelo espírito de espanto e de encanto em meio à *physis*. A filosofia deve, pois, renunciar em ser apenas um discurso abstrato, isto é, uma reflexão etérea do acontecimento. Ela deve rever a atitude puramente contemplativa ou impermeável à história e ao mundo, prescindindo do contributo das ciências. Por outro lado, o cientista não pode conduzir a sua prática às cegas, ou seja, à margem de qualquer crítica filosófica. Ele não pode orientar a sua pesquisa abstendo-se de uma motivação ontológica mais profunda. Como reitera Merleau-Ponty,

[...] uma ciência sem filosofia não saberia, ao pé da letra, do que fala. Uma filosofia sem exploração metódica dos fenômenos chegaria apenas a verdades formais, isto é, a erros (1996, p. 119).

Ora, é sob esse aspecto, especialmente, que a figura de Claude Lévi-Strauss parece exemplar. Ele conhecera Merleau-Ponty na segunda metade dos anos 20, período em que ainda eram jovens estudantes de filosofia na *École Normale Supérieure* de Paris, ao lado de Jean-Paul Sartre e de Simone de Beauvoir. Lévi-Strauss passa, no entanto, a se dedicar aos estudos etnológicos projetando, sem dúvida, outro impulso para a antropologia, para além das diretrizes até então vigentes, sobretudo do ponto de vista metodológico. A esse respeito é significativa a apresentação da candidatura de Lévi-Strauss à cadeira de Antropologia Social feita por Merleau-Ponty junto à Assembleia de professores do Collège de France, em 15 de março de 1959:

Foi recentemente que a Antropologia Social, entre sociologia e etnologia, conquistou sua autonomia. Os trabalhos do Sr. Claude Lévi-Strauss são quase os únicos na França a seguir precisamente essa linha [...]. O Sr. Lévi-Strauss é formado em Filosofia e até mesmo lecionou durante dois anos após a formatura em liceus do interior. Mas, tão logo teve a oportunidade, partiu para o Brasil e aproveitou essa temporada para visitar, em condições difíceis e mesmo arriscadas, populações do interior. Pertencendo a uma geração muito próxima da dele, posso dizer como essa iniciativa era então original: um universitário de 26 anos precisava ter a mais firme vocação para passar sem transição dos quatro anos de estudos filosóficos a um trabalho de campo que nenhum dos grandes autores da escola francesa, que eu saiba, praticou. (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 217).

Este texto é um testemunho vivo não simplesmente por conta dos laços de amizade certamente construídos entre ambos os autores, mas, principalmente, pelo valor e originalidade de uma obra enraizada

da filosófico e experimentalmente. Ao subverter ou deslocar o papel e a função do pesquisador, Lévi-Strauss é um cientista social diferenciado não apenas em função disso, mas, mais: ele se projeta à frente de seu próprio tempo, pondo em xeque um conceito canonicamente intocável no âmbito da sociologia durkheimiana até então praticante, qual seja, a noção de fato social. A categoria de “estrutura” introduzida, agora, sob uma nova chave interpretativa deu a tônica dos novos rumos da pesquisa etnológica levi-straussiana, a partir da premissa de que a noção de raça é um conceito-limite de modo que não existem etnias superiores, mas, tão somente experiências culturais diferentes. A cultura humana, conceituada em termos de “fato social” não é uma “coisa” ou uma “ideia” (conforme ditava a velha cartilha positivista), mas a expressão genuína de outra lógica mais ampla e profunda: o processo estruturante de gênese da sociedade, na medida em que o contexto social (seja ele qual for) jamais deve ser visto de fora pelo cientista, mas integrado numa visão de conjunto em que o pesquisador já se encontra nele inserido. “A estrutura”, sob essa outra lógica, observara Merleau-Ponty, “é, antes, praticada como evidente” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 147), uma vez que se encontra imersa na própria experiência sociológica. O que a obra de Lévi-Strauss encampa, a partir dos anos 30, é uma investigação que não prescindia daquele “equivalente vivido” como pano de fundo da práxis antropológica. Desse modo, rompe-se, a partir daí, o clássico modelo binário da dicotomia sujeito/objeto, para dar lugar a um novo estatuto hermenêutico acerca da realidade social: esta deixa de ser apenas uma “regularidade compacta” para tornar-se um “sistema eficaz de símbolos ou uma rede de valores simbólicos” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 145). Tal é a originalidade que a noção de estrutura permite gerir: a de

[...] construir um sistema de referência geral onde possam encontrar lugar o ponto de vista do indígena, o do civilizado e os erros de um sobre o outro, construir uma *experiência alargada* que se torne, em princípio, acessível para homens de um outro país e de um outro tempo” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 150, *grifo meu*)<sup>3</sup>.

---

3 “Ora, o antropólogo não é somente um etnólogo. Essa comunicação que obtive com populações arcaicas, ele quer pensá-la, explicá-la [...]. Essa análise ligava costumes aparentemente irracionais à mesma função que fundamenta entre nós a racionalidade, e cumpria assim a promessa da Antropologia Social, que é abrir um campo comum às culturas, ampliar nossa razão reconduzindo-a às suas fontes e torná-la assim capaz de compreender o que não é ela (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 218, *grifo meu*).

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

Ora, o alcance desse comentário como expressão de afeição intelectual à obra do colega revela Merleau-Ponty como um intelectual sensível a uma demanda emergente do pensamento do século XX: um celeiro de comunhão de ideias; um esforço mais conjunto, a despeito de quaisquer tensões teóricas. Merleau-Ponty via nos trabalhos não só do amigo antropólogo, mas, também, nos de Freud, Saussure, Husserl, Whitehead, para não falar de muitos artistas contemporâneos, a expressão viva de uma nova era do pensamento, motivada sempre por um diálogo crítico e fecundo para com a tradição filosófica e para com a ciência clássica. Merleau-Ponty então aparece nesse cenário como um leitor fervoroso da cultura de seu tempo, evitando limitar, endogenicamente, a sua própria obra. Com isso, a racionalidade de nosso tempo deve ampliar, consideravelmente, num terreno em que tanto o filósofo quanto o cientista, quanto uma cultura quanto à outra, sejam mutuamente inteligíveis. Aqui, segue valendo, a importante lição hegeliana tantas vezes reiterada por Merleau-Ponty: “A tarefa é, pois, alargar nossa razão para torná-la capaz de compreender aquilo que em nós e nos outros precede e excede a razão” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 154; grifo meu).

## 2.

É a ideia de uma razão alargada (*raison élargie*), quer dizer, a de uma dimensão mais plástica e ampla da racionalidade que Merleau-Ponty aviva no debate contemporâneo. É essa razão radicalmente profunda que, inclusive, motiva o filósofo agenciar outras zonas de tráfico de sua obra, abrindo várias frentes de interlocução. A literatura é um desses territórios. Em tal nível de experiência, a linguagem se torna a mola propulsora de agenciamento na medida em que ela desvela uma produtividade própria. O ato expressivo por meio do qual a língua se compreende como um sistema ressonante passa a assumir valor ontológico. Esta é a principal razão pela qual, em seu trabalho póstumo *Le Visible et l’Invisible*, Merleau-Ponty confere um estatuto proeminente à linguagem, à literatura e à poesia enquanto logos, isto é, “como um tema absolutamente universal da filosofia” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 168). A universalidade da linguagem ganha especial relevo porque ela faz jus a uma exigência fundamental inerente à condição humana como um todo: a de ser, por excelência, uma forma originária de experiência movida, segundo Fernando Pessoa, pelo espírito do desassossego.

Merleau-Ponty passa a mostrar que ao “tornar-se mundo”, a linguagem se reinveste totalmente em nossa vida se tornando uma aquisição cultural. O que a experiência linguística revela, exemplarmente, é que, numa obra literária, o sentido não está “posto”, mas “suposto”, ou seja, ele se engaja, obliquamente, como práxis silenciosa. Nesse instante, redescobre-se uma “vida interior” na linguagem, uma espécie de profundidade *sui generis* como ato expressivo de criação. Encarnando-se na superfície da escrita, a imanência da linguagem é, ao mesmo tempo, transcendência, na medida em que ela se reveste do poder de devorar os signos, vivendo à beira deles, lateralmente. É o que Clarice Lispector testemunha em sua produção literária:

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (LISPECTOR, 1979, p. 20).

A linguagem deflagra essa espécie de “comunhão mística”<sup>4</sup> celebrada no intercurso do dizível e do indizível. Como atenta Castoriadis, “aquilo que não pode ser dito é aquilo que, de fato, se diz; o indizível é a dizibilidade ela mesma; é o que faz com que haja o dizível” (CASTORIADIS, 1971, p. 77). Entre o dito e o não dito há uma íntima relação de princípio atestada pela transcendência da linguagem; potência tal irreduzível a qualquer estrutura rigidamente sintática. Esse prodígio não é simplesmente retórico ou caprichoso. Para além de sua sintaxe categorial, a linguagem se perspectiva semanticamente, pragmaticamente, ou seja, ela requer um uso, uma práxis, sendo, pois, uma significação em estado nascente se transfigurando historicamente. É este devir ou movimento mais próprio que Merleau-Ponty visa no momento em que chama a atenção para um princípio de produtividade que a experiência linguística inscreve tão bem ilustrado pela criação literária. Sob esse ângulo, nota o filósofo, a tarefa “da literatura e aquela da filosofia já não mais

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

---

4 “E preciso, portanto, admitir, ao menos a propósito da poesia, o ‘milagre’ de uma ‘união mística’ entre o som e o sentido; malgrado tudo aquilo que sabemos dos aca- sos históricos que têm realizado cada língua” (MERLEAU-PONTY, 1968, p. 26).

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

podem ser separadas” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 36), uma vez que a “obra de um grande romancista está sempre carregada de duas ou três ideias filosóficas” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 34). Esta condição é o que permite reconhecer o fato de que “a literatura jamais foi tão ‘filosófica’ quanto no século XX, pois nunca refletiu tanto sobre a linguagem, sobre a verdade, sobre o sentido do ato de escrever” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 198). O que só confirma o quanto a produção literária sempre tomara um impulso filosófico de primeira grandeza. Dostoiévski, Proust, Kafka, Balzac, Stendhal, Drummond, Clarice Lispector, entre outros, ilustram exemplarmente essa apreensão da linguagem em estado vivo, no sentido de que “não é sequer a palavra por dizer que eu visto, nem mesmo a frase, é a pessoa” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 28). Ou seja, o discurso me “envolve e me habita a tal ponto que não sei mais o que é meu e o que é dele. Em ambos os casos, eu me projeto no outro” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 28).

Ao mesmo tempo, não deixa de ser notável o ímpeto literário e artístico que também se insurge em meio às várias reflexões de filósofos, como Gabriel Marcel e Sartre. O primeiro se dedicou, além da música, à dramaturgia tematizando o mistério ou paradoxo da condição humana de seus personagens. O segundo, além de peças teatrais, produziu inúmeros romances, partindo de situações bem concretas, o que, sem dúvida, nutria, em muito, suas próprias questões filosóficas.

### 3.

Além da literatura, outra incursão aberta é a experiência estética. Do cinema à pintura<sup>5</sup>, Merleau-Ponty passa a explorar, em vários de seus ensaios, o quanto a filosofia e a arte se interconectam. O caso da produção pictórica, por exemplo, é um registro paradigmático e recorrente ao longo de suas reflexões. Se há um tema de fundo que, após o impressionismo francês, despertara a interrogação estética, é, significativamente, o elemento de transitoriedade da natureza, o instante fugidio, ou, para retomar Malebranche, “o mundo como obra inacabada”. Tais questões se tornam temas candentes e matriciais que tanto se incorporam na obra aberta por Merleau-Ponty. O filósofo vê, admiravelmente, no trabalho do pintor francês Paul Cézanne,

---

5 Ver, especialmente, (SILVA, 2009b, p. 123-141) e (CARBONE, 2011).

a intuição corrente de que a criação artística não se coloca numa relação de sobreposição reflexiva ao mundo vivido. Tudo se passa, a princípio, como se o artista renascesse rente às coisas mesmas. Seu olhar é um voltar-se arqueológico na medida em que escava um território selvagem; descobre um mundo ainda em estado bruto como estrutura barroca anterior à razão. Sua arte engendra o mistério de uma comunhão mais profunda com um mundo sensível originariamente instituinte. Ela convida o filósofo a uma “reabilitação ontológica do sensível” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 210), na medida em que a

[...] visão do pintor não é mais o olhar posto sobre um *fora*, relação meramente ‘físico-óptica’ com o mundo. O mundo não está mais diante dele por representação: é antes o pintor que nasce nas coisas como por concentração e vinda a si do visível (MERLEAU-PONTY, 1985, p. 69).

Ora, – descreve Merleau-Ponty – “é este mundo primordial que Cézanne quer pintar e eis porque seus quadros dão a impressão da natureza à sua origem” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 18)<sup>6</sup>. Mediante esse movimento heurístico, espaço e conteúdo se mesclam: o pintor nasce nas coisas e, vice-versa, as coisas nascem nele, recriando uma só alquimia, um só quiasma, uma só “unidade viva” com o mundo. Dessa feita, tal é o fascínio que o pintor André Marchand descreve ao passear pela floresta: “Numa floresta, várias vezes senti que não era eu que a olhava. Em certos dias, senti que eram as árvores que me olhavam, que me falavam” (CHARBONNIER, 1959, p. 143-145).

Esse curioso testemunho de Charbonnier é, particularmente, significativo. Ele prefigura, de forma exemplar, o enigma de nossa conaturalidade com o mundo e com

[...] os outros em seu aparecimento na carne do mundo [...], pois, antes de serem e para serem submetidos às minhas condições de possibilidade, e reconstruídos à minha imagem, é preciso que estejam lá como relevos, desvios, variantes de uma única Visão da qual também participo (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 22).

Quer dizer, “toda carne, e mesmo a do mundo, irradia-se fora de si mesma” (MERLEAU-PONTY, 1985, p. 81) já que “a abertura de nossa carne é imediatamente preenchida pela carne universal do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 23). Não por acaso, se a “pintura jamais celebra outro enigma senão o da visibilidade” (MERLEAU-PONTY, 1985, p. 26), é porque “há uma espécie de

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

---

6 Cf: (SILVA, 2010).

loucura da visão que faz com que, ao mesmo tempo, eu caminhe por ela em direção ao próprio mundo e, entretanto, com toda a evidência, as partes desse mundo não coexistem sem mim” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 106). Aí nos encontramos, mais uma vez, entre uma só trama em que o invisível se faz visível e o visível, invisível.

#### 4.

Essas múltiplas tarefas em que assistimos uma dialética entre o dizível e o indizível, o visível e o invisível, eu e outrem, nos transportam para outra transportam para outra trama de relações: a filosofia política com a história. Aos olhos de Merleau-Ponty, a filosofia também é uma forma de engajamento histórico, tal qual Marx já pressentira a propósito de que os filósofos não surgem como cogumelos, mas são frutos de seu tempo, de sua época. Há, aqui, um domínio mais amplo da práxis em que a essência é inseparável do fato e que, portanto, teoria e prática se implicam inextrincavelmente. Merleau-Ponty então observa que “a abertura a um mundo natural e histórico não é uma ilusão e não é um *a priori*, é nossa implicação no Ser” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 117), de modo que a “história” – perspectiva ele,

Envolve-nos a todos, cabendo a nós, portanto, compreender que o que podemos ter de verdade não se obtém contra a inerência histórica, e sim por seu intermédio. Superficialmente pensada, a história destrói qualquer verdade; pensada radicalmente, funda uma nova ideia de verdade. Enquanto conservo em meu íntimo o ideal de um espectador absoluto, de um conhecimento sem ponto de vista, não posso ver em minha situação senão um princípio de erro (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 137).

A história *amplia* esse contexto no qual a ideia de verdade como princípio de busca para o filósofo, se redefine radicalmente. A

[...] filosofia não pode ser um diálogo do filósofo com a verdade, um juízo superior sobre a vida, o mundo e a história, como se a filosofia estivesse fora deles, – e não pode também subordinar a qualquer instância exterior a verdade reconhecida interiormente” (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 36).

Ora, o homem está sempre imerso na história, jamais acima ou fora dela, tomando-a de um único olhar. Há uma carne da história que nos reveste inteiramente, de cujo tecido, umbilicalmente, estamos ligados. A própria história exprime essa experiência profunda-

mente consanguínea dos laços carnis com outrem, com o mundo e com a existência em geral<sup>7</sup>.

Ora, é o elo carnal com a história que torna a experiência política filosoficamente possível. A reconquista da historicidade, no coração da situação humana intersubjetivamente considerada, recria o autêntico engajamento desde onde brota e se autentica toda ação, isto é, haure uma significação inteiramente nova da práxis. Assim, a ação humana jamais é absolutamente imparcial ou neutra, isto é, sem ponto de vista. Ela toma parte do mundo, interroga a dimensão mais íntima das coisas e dos acontecimentos e, com isso, se inscreve como experiência de uma adesão perpétua ao próprio mundo. Sendo assim, a experiência política contemporânea parece trazer algumas lições de modo que abre outra compreensão indispensável da cultura e da natureza. Marx se torna, sob esse firme propósito, outro interlocutor privilegiado, na medida em que descobre uma racionalidade histórica imanente à vida humana. Ora, essa racionalidade não é uma ordem ditada de cima para baixo ou uma ascese espiritual a ser legitimada no chão da práxis concreta da condição humana. Ela brota da tensão entre a liberdade do sujeito agente e o curso da história. Se há algum sentido na história, esse sentido não provém de um Espírito Absoluto, em sentido hegeliano; também não promana de um determinismo causal natural. Ele se transfigura em meio à práxis inter-humana, nas relações concretas entre os indivíduos. É um sentido, portanto, historicamente vivo e operante. É nessa direção que uma filosofia política pode, enfim, *alargar-se* radicalmente sem deixar, ao mesmo tempo, de exercer-se como autocrítica. Sem esse exercício, a racionalidade histórica se esvazia desastrosamente, destituindo-se como inteligibilidade do acontecimento. Sem ela, o filósofo, o cientista, o artista, o escritor e o político se desfiguram bizarramente em seu ofício mais próprio que é o de aprofundar a nossa inserção no ser; de apreender o sentido de uma tarefa que é, a bem da verdade, de todos.

É essa preciosa lição que a obra de Merleau-Ponty lega como patrimônio, como experiência de pensamento; como uma reflexão que não destrói a racionalidade, mas, que, ao contrário, justamente a salva ao redefinir outra ideia de razão, uma *raison élargie*.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

---

7 Ver (SILVA, 2009a).

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma razão alargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.

## REFERÊNCIAS

CARBONE, M. **La chair des images**: Merleau-Ponty entre peinture et cinéma. Paris: Vrin, 2011.

CASTORIADIS, C. Le dicible et l'indicible, Paris, **Revue L'Arc**, n 46, p. 67-79, 1971. (Edição especial a Merleau-Ponty)

CHARBONNIER, G. **Le monologue du peintre**. Paris: Julliard, 1959.

FOUCAULT, M. **Problematização do sujeito**: psicologia, psiquiatria e psicanálise. 2. ed. Trad. V. L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

\_\_\_\_\_. **Éloge de la philosophie**. Paris: Gallimard, 1953.

\_\_\_\_\_. **Signes**. Paris: Gallimard, 1960.

\_\_\_\_\_. **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1964.

\_\_\_\_\_. **Résumés de cours**: Collège de France (1952-1960). Paris: Gallimard, 1968.

\_\_\_\_\_. **La prose du monde**. Paris: Gallimard, 1969.

\_\_\_\_\_. **L'œil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sens et non-sens**. Paris: Gallimard, 1996.

\_\_\_\_\_. Apresentação da candidatura de Claude Lévi-Strauss à cadeira de Antropologia Social, São Paulo, **Estudos Avançados**, v 23, n 67, p. 217-222, 2009. Tradução de Paulo Neves.

SILVA, C. A. F. **A carnalidade da reflexão**: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2009a.

\_\_\_\_\_. “Percepção e cinema em Merleau-Ponty”. In: GENTIL, H. S.; PIVA, J.. (Org.). **Ensaio sobre a filosofia francesa contemporânea**. São Paulo: Alameda Editorial, 2009b, p. 123-141.

PIVA, J. (Org.). **Ensaio sobre a filosofia francesa contemporânea**. São Paulo: Alameda Editorial, 2009(b), p. 123-141.

\_\_\_\_\_. **A natureza primordial: Merleau-Ponty e o logos do mundo estético**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2010. (Série Estudos Filosóficos, n° 12)

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *Merleau-Ponty e a tarefa de uma raison élargie*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 7-18, 2011.